



# CONCURSO PÚBLICO SEMEC - 2016



Universidade  
Estadual do Piauí

## PROVA ESCRITA OBJETIVA

CARGO: PROFESSOR 2º CICLO – 20h – **LÍNGUA PORTUGUESA**

DATA: 24/04/2016 – HORÁRIO: 9h às 13h (horário do Piauí)

### LEIA AS INSTRUÇÕES:

01. Você deve receber do fiscal o material abaixo:
  - a) Este caderno com 50 questões objetivas sem falha ou repetição.
  - b) Um CARTÃO-RESPOSTA destinado às respostas objetivas da prova.

**OBS: Para realizar sua prova, use apenas o material mencionado acima e, em hipótese alguma, papéis para rascunhos.**
02. Verifique se este material está completo e se seus dados pessoais conferem com aqueles constantes do CARTÃO-RESPOSTA.
03. Após a conferência, você deverá assinar seu nome completo, no espaço próprio do CARTÃO-RESPOSTA utilizando caneta esferográfica com tinta de cor azul ou preta.
04. Escreva o seu nome nos espaços indicados na capa deste CADERNO DE QUESTÕES, observando as condições para tal (assinatura e letra de forma), bem como o preenchimento do campo reservado à informação de seu número de inscrição.
05. No CARTÃO-RESPOSTA, a marcação das letras correspondentes às respostas de sua opção, deve ser feita com o preenchimento de todo o espaço do campo reservado para tal fim.
06. Tenha muito cuidado com o CARTÃO-RESPOSTA, para não dobrar, amassar ou manchar, pois este é personalizado e em hipótese alguma poderá ser substituído.
07. Para cada uma das questões são apresentadas cinco alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); assinale apenas uma alternativa para cada questão, pois somente uma responde adequadamente ao quesito proposto. A marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **mesmo que uma das respostas esteja correta**; também serão nulas as marcações rasuradas.
08. As questões são identificadas pelo número que fica à esquerda de seu enunciado.
09. Os fiscais não estão autorizados a emitir opinião nem a prestar esclarecimentos sobre o conteúdo das provas. Cabe única e exclusivamente ao candidato interpretar e decidir a este respeito.
10. Reserve os 30(trinta) minutos finais para marcar seu CARTÃO-RESPOSTA. Os rascunhos e as marcações assinaladas no CADERNO DE QUESTÕES não serão levados em conta.
11. Quando terminar sua Prova, antes de sair da sala, assine a LISTA DE FREQUÊNCIA, entregue ao Fiscal o CADERNO DE QUESTÕES e o CARTÃO-RESPOSTA, que deverão conter sua assinatura.
12. O tempo de duração para esta prova é de **4 (quatro) horas**.
13. Por motivos de segurança, você somente poderá ausentar-se da sala de prova depois de **2h (duas horas)** do início de sua prova.
14. O rascunho ao lado não tem validade definitiva como marcação do Cartão-Resposta, destina-se apenas à conferência do gabarito por parte do candidato.

### Nº DE INSCRIÇÃO

--	--	--	--	--	--	--

Assinatura

Nome do Candidato (letra de forma)

CONCURSO PÚBLICO - SEMEC / 2016  
NÚCLEO DE CONCURSOS E PROMOÇÃO DE EVENTOS – NUCEPE  
FOLHA DE ANOTAÇÃO DO GABARITO - ATENÇÃO: Esta parte somente deverá ser destacada pelo fiscal da sala, após o término da prova.

### RASCUNHO

01		26	
02		27	
03		28	
04		29	
05		30	
06		31	
07		32	
08		33	
09		34	
10		35	
11		36	
12		37	
13		38	
14		39	
15		40	
16		41	
17		42	
18		43	
19		44	
20		45	
21		46	
22		47	
23		48	
24		49	
25		50	

**Nº DE INSCRIÇÃO**

--	--	--	--	--	--	--

# LÍNGUA PORTUGUESA

- Leia o texto a seguir para responder às questões de 01 a 09.

## VIDA DE PROFESSOR

### UMA VOZ QUE ENSINA

- 1 *“Retire essa máscara de ouro abrasador*
- 2 *Com olhos de esmeralda.”*
- 3 *“Oh não, meu querido, porque você se atreve*
- 4 *a descobrir se os corações são rebeldes e sábios,*
- 5 *E todavia não são frios.”*
  
- 6 *Nada encontraria senão o que há para encontrar,*
- 7 *Amor ou falsidade.”*
- 8 *“Foi a máscara que capturou o seu espírito,*
- 9 *E então fez o seu coração bater,*
- 10 *Não o que estava atrás dela.”*
  
- 11 *“Mas, a não ser que você seja minha inimiga,*
- 12 *Eu devo inquirir.”*
- 13 *“Oh, não, meu querido, deixe tudo como está;*
- 14 *O que importa senão que nada haja a não ser fogo*
- 15 *Dentro de você, dentro de mim?”*

(W.B. Yeats, “A Máscara”)

Ninguém simplesmente entra numa sala de aula e começa a ensinar sem alguma reflexão sobre como deve se apresentar, assim como ninguém se põe a escrever um poema, um ensaio ou um romance sem considerar a voz por trás das palavras, o seu tom e textura, e as tradições da escrita dentro de um gênero em particular. A voz é tudo na literatura, tocando no espírito do escritor, o ouvido do leitor; a procura pela autenticidade dessa voz é o trabalho do escritor de sua vida inteira. O que eu quero sugerir aqui é que professores, assim como escritores, também precisam inventar e cultivar uma voz, uma que sirva às suas necessidades pessoais tanto quanto à matéria com que está lidando, uma que pareça autêntica. Ela também deve levar em consideração a natureza dos estudantes a quem está sendo dirigida, seus antecedentes na matéria e sua disposição

como uma classe, que nem sempre é fácil estimar. Toma um bom tempo, tanto quanto experimentação, para encontrar esta voz, seja ensinando seja escrevendo.

Em sua maior parte, a invenção de uma *persona* de professor é um ato razoavelmente consciente. Professores que não estão conscientes de seu “eu-professor” podem dar sorte; ou seja, podem adotar ou adaptar alguma coisa familiar — uma postura, uma voz — que realmente funcione na sala já de início. Sorte, totalmente aleatória, às vezes acontece. No entanto, a maioria dos professores bem-sucedidos que conheci eram profundamente conscientes de que o modo como se apresentavam envolve, ou envolveu em certo momento, o domínio de uma máscara.

Essa apropriação de uma máscara, ou *persona* (palavra que vem do latim, implicando que uma voz é algo descoberto

por “soar através” de uma máscara, como em per/sona), não é um processo fácil. Envolve artifícios, e a arte de ensinar não é menos complicada do que qualquer outra. Não é algo “natural”, isto é, “encontrada na natureza”. Um professor iniciante terá de experimentar um sem-número de máscaras antes de encontrar a que se adapte a ele, que pareça apropriada, que funcione para organizar e incorporar uma voz de quem ensina. Na maioria dos casos, um professor terá um armário abarrotado de máscaras para experimentar à procura de uma que lhe caia bem.

Deve acabar com a noção tola de que uma máscara não é “autêntica”, de que há algo vergonhoso em “não ser você mesmo”. Autenticidade é, em última instância, uma construção, algo inventado — tem muito a ver com um determinado conjunto de roupas que parecerá autêntico, ou não, conforme o contexto. A noção do “verdadeiro” eu é romântica, e absolutamente falsa. Não existe tal coisa. Sempre admirei o poema de Pablo Neruda que começa dizendo: “Tenho muitos eus.” É verdade. Um biógrafo, como Virginia Woolf certa vez observou, tem sorte quando consegue estabelecer meia dúzia de *eus* numa biografia. Na verdade, há milhares de *eus* em cada ser humano. Eis que se misturam e alteram-se, sofrem mutações, vinculam-se, fragmentam-se, reúnem-se de novo uma infinidade de vezes por dia. Esta é a realidade da identidade de todos nós. Um professor iniciante deve enfrentar essa realidade desde o começo, descartando a ideia de que há um profundo e verdadeiro eu que tenha uma existência independente, que pode ser alcançado nas profundezas do coração, que pode ser exposto facilmente, sem medo, com confiança em suas características.

Há sabedoria no poema citado como minha epígrafe, “A Máscara”, de Yeats, um

poeta que refletiu profundamente sobre máscaras, desenvolvendo uma complexa doutrina que incluiu uma percepção da máscara como anti-eu. Ele considerou a identidade de uma pessoa como uma dialética que envolvia uma constante negociação entre o eu e o anti-eu. Em sua elegante embora de alguma maneira arcana formação, essa dialética assume a apropriação de vários eus antitéticos: um processo delicado no qual os eus (*personae*; máscaras) são testados, depois, descartados ou abarcados por outros eus. Estes eus existem ao longo de um *continuum* que inclui a visão da própria pessoa sobre seus *eus* e os dos outros. Não é justo, como Robert Browning certa vez sugeriu, que tenhamos “dois lados da alma, um para encarar o mundo” e outro para apresentar em particular ao bem-amado. Essa doutrina, pelo menos em Yeats, assume que a pessoa também encara o bem-amado com uma máscara, que não há nenhuma personificação de voz sem o uso de uma máscara, e que a voz que emerge pode tanto ser íntima ou pública, porém deve de alguma maneira “soar através” da figura da máscara. E estas máscaras são muitas.

(Jay Parini. **A arte de ensinar**. Brasil: Editora Civilização Brasileira, 2007. P. 79-82.)

**01.** No texto, o conceito da palavra **persona** tem suas raízes no latim **per-sona** (aquilo que soa, que toma voz através de uma máscara). Esse conceito quer dizer que

- a) a apropriação de uma máscara, ou persona pelo professor é uma arte como outra qualquer por ser um processo que envolve artifícios e certo grau de complexidade.
- b) o verdadeiro professor é um ator que possui várias máscaras e vozes, e a sala de aula é o seu palco. Cada plateia é uma nova estreia, uma nova encenação.
- c) as máscaras assumidas pelos professores que ensinam na sala de aula no exercício do seu ofício fazem a diferença nos modos de atuação na docência.
- d) para ser bom, o professor precisa experimentar muitas máscaras até encontrar uma autêntica, que atenda suas necessidades pessoais e profissionais.
- e) a voz que o professor toma na sala de aula é reveladora de máscaras por meio das quais aprendem saberes práticos utilizados no exercício do ofício.

**02.** A leitura do texto permite que se extraia as seguintes inferências:

- I – Preocupado com a formação pedagógica dos professores, o autor sinaliza para possibilidade de manifestação de várias identidades no exercício da docência.
- II – Boa formação teórica é importante para qualificar o professor à medida que se adquire experiência na atuação docente a partir da interação com os alunos.
- III – Enfatiza-se no texto a importância de se compreender que os saberes são constituídos e mobilizados fora da sala de aula.

IV – A interação do professor iniciante em sala de aula e com outros profissionais é elemento secundário na constituição da prática docente.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I, II e IV.
- b) I, II, III.
- c) I e II.
- d) II e IV.
- e) II e III.

**03.** A forma como o autor faz alusão mais de uma vez aos professores iniciantes permite dizer que

- a) considera o professor iniciante capaz de, por si só, superar as dificuldades provenientes da prática pedagógica.
- b) vê o professor emérito como sujeito indispensável para o sucesso da instituição escolar.
- c) o professor iniciante deve incorporar “máscaras” desde cedo, porque elas são um meio eficaz para o sucesso no exercício da docência.
- d) sugere que professores iniciantes vivenciem experiências de professores eméritos.
- e) vê o professor iniciante como grande potencial, posto que as contingências da prática profissional possibilitam que se construam modos de ser professor.

**04.** A reflexão de Parini sobre o ofício do professor evidencia um processo complexo da busca da identidade profissional. Disso deduz-se que

- a) o exercício contínuo em busca do reconhecimento, da razão e da consciência de uma prática privilegia continuamente a alteridade do professor e do aluno.
- b) o professor de muitos anos de profissão já possui os saberes necessários para exercer a docência.
- c) mesmo que professores e alunos desempenhem funções diferentes, a aprendizagem entre esses sujeitos ocorre numa relação de simultaneidade.
- d) as dificuldades enfrentadas pelos professores eméritos são muitas. Portanto, isso reflete diretamente no seu trabalho.
- e) a formação acadêmica deve proporcionar aos futuros professores uma melhor articulação entre os campos teórico e prático.

**05.** O poema “*A Máscara*”, de W.B. Yeats, abre o texto “Vida de Professor”, de Jay Parini, com o intuito de

- a) estilizar o texto, para torná-lo mais atrativo ao leitor e proporcionar-lhe prazer estético.
- b) envolver o leitor em um processo de reflexão sobre a persona do professor.
- c) dar uma aparência diferenciada ao texto, um formato com a seriedade do texto acadêmico.
- d) colaborar com o enriquecimento de informações relativas ao conteúdo abordado no texto.
- e) servir de suporte teórico para o aprofundamento do tema do texto, já que este visa atender às necessidades de pesquisas.

**06.** No texto lido, o autor utiliza-se de um recurso linguístico que permite um gênero absorver outro. A esse recurso dá-se o nome de

- a) intertextualidade.
- b) parodização.
- c) transmutação.
- d) versificação.
- e) contextualização.

**07.** Sabendo que a situação sociocomunicativa é determinante para a produção de texto e conduz sua organização num gênero ou noutro, é correto afirmar no texto lido que o poema “*A Máscara*”

- a) mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas, perdeu poder de classificação de gênero textual quando foi assimilado por outro.
- b) sua classificação de gênero poético não se alterou, visto que a função estética é fator determinante para a organização do texto nesse gênero.
- c) permanece sua classificação de poema como gênero literário, pois os gêneros textuais se definem por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos.
- d) sua presença na abertura do texto tem caráter ilustrativo, pois os gêneros textuais são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa.
- e) sua classificação de gênero literário foi alterada, tendo em vista sua finalidade e objetivo maior exercido no texto “Vida de Professor”.

**08.** A alternativa contendo a palavra onde há uma letra que constitui um dífono gramatical é

- a) exclusão.
- b) sexual.
- c) Espanha.
- d) espelho.
- e) exame.

**09.** Em: “*Nada encontraria senão o que há para encontrar*” A palavra em destaque assume a função morfológica de

- a) artigo definido.
- b) pronome oblíquo.
- c) pronome demonstrativo.
- d) preposição.
- e) pronome indefinido.

As questões de **10** a **12** fundamentam-se na leitura do texto a seguir.

### **Educação para a cidadania**

Quando pensamos em educação é consenso interpretá-la como fonte para uma formação que permite trânsito na sociedade do conhecimento. Quase sempre a imagem socialmente construída diz respeito a um conjunto de atividades que habilita o indivíduo para perceber e desvendar os códigos das diferentes linguagens proporcionando interpretação crítica para o avanço da ciência, das artes e da tecnologia. No espelho acadêmico-científico atual, fortemente marcado pela competitividade expressa nos *ranqueamentos* internacionais, a imagem que aparece não evidencia nuances de consensos sobre educação como fator ético de construção da cidadania.

Dominar os códigos e ter a capacidade de refletir sobre o mundo são requisitos instrumentais indispensáveis para estar incluído na sociedade do conhecimento, ou seja, para adquirir status de cidadão no mundo moderno; mas os processos de ensino-aprendizagem mostram dificuldade para assumir seu papel formador enquanto fomento ao debate, oportunidade de vivência e produção de consensos no que diz respeito à construção de uma convivência cidadã sem exclusão.

O obstáculo, talvez, resida na discussão sobre os valores que hoje dão contornos para a pluralidade e diversidade

cultural, etnorracial, sexual, religiosa, socioeconômica e política, em nosso país.

Libertos de uma educação eivada por um pensamento dominante – que disseminava seu conteúdo de forma instrumental através de disciplinas centradas em uma moral ou uma forma de civismo –, ainda é difícil trabalhar práticas e conteúdos que tratem da educação para a formação de cidadãos, como vêm fazendo, por exemplo, a União Europeia, mais particularmente países com os quais temos muita proximidade, como Portugal e Espanha.

Como o ano de 2013 foi eleito como o Ano Europeu dos Cidadãos, publicou-se um relatório (EACEA, 2012) sobre a forma como vem sendo ministrada a disciplina “Educação para a cidadania” nos diferentes países do bloco.

(Extraído do Texto *Educação para a cidadania*, de José Luís Bizelli. In: *Desafios Contemporâneos da Educação*, (ORGS.): Célia Maria David, Hilda Maria Gonçalves da Silva, Ricardo Ribeiro, Sebastião de Souza Lemes. Editora: Cultura Acadêmica. 2015)

**10.** Pela leitura do texto, pode-se entender que o autor condena um tipo de educação

- a) que permite dominar os códigos, ter a capacidade de refletir sobre o mundo e assumir seu papel formador enquanto fomento ao debate.
- b) com base na discussão de valores que hoje dão contornos para a pluralidade e diversidade cultural.
- c) escolar que vise preparar os estudantes para se tornarem cidadãos ativos, por meio do trabalho com práticas e conteúdos para a cidadania.
- d) que favoreça a construção de uma sociedade democrática com maior equidade, coesão social e produção de consensos.
- e) eivada por um pensamento dominante que dissemine seu conteúdo de forma instrumental através de disciplinas centradas numa moral ou numa forma de civismo.

- 11.** Pode-se inferir da leitura do texto que o autor defende uma educação que seja
- a) fator ético de construção da cidadania, para uma formação que permita trânsito na sociedade do conhecimento com competências e atitudes.
  - b) fonte para uma formação que permite a discussão dos códigos e suas tecnologias de forma instrumental para o sucesso escolar.
  - c) ponte para o conhecimento de fatos políticos e para a compreensão dos conceitos essenciais das disciplinas.
  - d) formação com foco na participação das atividades da sociedade, baseada nos ranqueamentos internacionais.
  - e) sinônimo de educação ambiental em diálogo com a comunidade, prevendo o desenvolvimento de competências.
- 12.** Ainda com relação ao texto, pode-se inferir que estão corretas as proposições:
- I – É instigante pensar que uma escola possa servir de laboratório para a construção de uma convivência cidadã sem exclusão.
  - II – Embora seja difícil trabalhar práticas e conteúdos sobre cidadania, a escola deve fomentar o debate e oportunizar diferentes vivências para educação cidadã.
  - III – Na escola, a imagem que aparece evidencia nuances de consensos sobre educação como fator ético de construção da cidadania.
  - IV – A escola permite vivências possíveis através dos equipamentos urbanos — localizar-se, transportar-se, comprar, vender, produzir, brincar, enfim, habitar.

Estão **CORRETAS** apenas:

- a) II e IV.
- b) I, II e III.
- c) II, III e IV.
- d) I e II.
- e) II e III.

- 13.** Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem o texto como unidade básica do trabalho com o ensino de Língua Portuguesa e os gêneros não se desvinculam dos textos. Sobre esse propósito é possível afirmar:

- I – Não é possível construir um texto (oral ou escrito) sem que se realize um gênero textual.
- II – O domínio dos gêneros pode contribuir para uma participação social mais ampla, com vistas a um exercício mais pleno da cidadania.
- III – A escola deve, prioritariamente, se ocupar dos gêneros primários, já que os secundários podem ser mais facilmente aprendidos noutras esferas mais cotidianas.
- IV – Quando se domina um gênero textual, domina-se uma forma linguística e não uma forma de realizar objetivos específicos em situações sociocomunicativas.

Das proposições pode-se afirmar que estão corretas apenas:

- a) II e IV.
- b) I, II e III.
- c) II, III e IV.
- d) I e II.
- e) II e III.



14. Segundo o Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional), **analfabeto funcional** é aquele que, mesmo sabendo ler e escrever frases simples, não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia e se desenvolver pessoal e profissionalmente. De acordo com as teorias de compreensão como atividade inferencial, *compreender o texto é, essencialmente, uma atividade de relacionar conhecimentos, experiências e ações em um movimento interativo e negociado*. Concebendo a compreensão como processo, a leitura realiza-se a partir de diferentes horizontes. Nesse sentido, é correto afirmar que o processo inferencial está:

- a) no horizonte máximo da leitura.
- b) no horizonte mínimo da leitura.
- c) na falta de horizonte da leitura.
- d) no horizonte problemático da leitura.
- e) no horizonte indevido da leitura.

15. A coerência e a coesão são mecanismo da textualidade que se estabelecem no texto a partir da:

- a) conectividade.
- b) intencionalidade.
- c) aceitabilidade.
- d) intertextualidade.
- e) informatividade.

Leia o texto a seguir, para responder às questões de 16 a 20.



FONTE: SCHULZ, Charles M. Ser cachorro é um trabalho de tempo integral. São Paulo, Conrad, 2004.

16. Pela avaliação do texto como um todo, pode-se dizer que seu discurso segue um percurso rumo a uma linguagem

- a) Objetiva.
- b) Subjetiva.
- c) Altruísta.
- d) Política.
- e) Civilista.

17. O quarto quadrinho do texto apresenta o conectivo **mas**, que normalmente opõe duas ideias contrárias. Esse recurso linguístico como fator de textualidade realiza uma

- a) coesão referencial.
- b) coerência argumentativa.
- c) coesão sequencial.
- d) coerência narrativa.
- e) contiguidade.

18. No primeiro quadrinho, o termo **aqui** representa uma das categorias da enunciação que indica espaço:

- a) exterior à enunciação de primeira pessoa.
- b) de enunciação de segunda pessoa.
- c) de enunciação de terceira pessoa.
- d) de enunciação de primeira pessoa.
- e) exterior à enunciação de terceira pessoa.

19. Acerca das estruturas morfológicas da língua, no primeiro quadrinho, há uma predominância de:

- a) morfemas gramaticais.
- b) morfemas presos.
- c) morfemas lexicais.
- d) gramemas livres.
- e) monemas presos.

20. Considerando o contexto de enunciação em: *Aqui vem o mundialmente famoso **recenseador** fazendo sua ronda...* o termo em destaque é formado por derivação:

- a) prefixal.
- b) sufixal.
- c) parassintética.
- c) regressiva.
- e) imprópria.

21. Considerando a classificação de gênero primário e gênero secundário (Bakhtin, 1979), assinale a alternativa contendo exemplos desses dois gêneros, respectivamente.

- a) Bilhete e cartas pessoais.
- b) Receita de bolo e artigo científico.
- c) Diálogo cotidiano e talões de água.
- d) Dissertações e resenhas.
- e) Ensaio e carta do leitor.

22. Ainda sobre gênero, é correto afirmar que uma característica predominante nos gêneros textuais é a

- a) forma linguística.
- b) clareza das ideias.
- c) função sociocomunicativa.
- d) assunto temático.
- e) correção gramatical.

Leia o texto que se segue para responder às questões de 23 a 38.

### A OVELHA NEGRA

Havia um país onde todos eram ladrões.

À noite, cada habitante saía, com a gazua e a lanterna, e ia arrombar a casa de um vizinho. Voltava de madrugada, carregado e encontrava a sua casa arrombada.

E assim todos viviam em paz e sem prejuízo, pois um roubava o outro, e este, um terceiro, e assim por diante, até que se chegava ao último que roubava o primeiro. O comércio naquele país só era praticado como trapaça, tanto por quem vendia como por quem comprava. O governo era uma associação de delinquentes vivendo à custa dos súditos, e os súditos por sua vez só se preocupavam em fraudar o governo. Assim a vida prosseguia sem tropeços, e não havia nem ricos nem pobres.

Ora, não se sabe como, ocorre que no país apareceu um homem honesto. À noite, em vez de sair com o saco e a lanterna, ficava em casa fumando e lendo romances.

Vinham os ladrões, viam a luz acesa e não subiam.

Essa situação durou algum tempo: depois foi preciso fazê-lo compreender que, se quisesse viver sem fazer nada, não era essa uma boa razão para não deixar os outros fazerem. Cada noite que ele passava em casa era uma família que não comia no dia seguinte.

Diante desses argumentos, o homem honesto não tinha o que objetar. Também começou a sair de noite para voltar de madrugada, mas não ia roubar. Era honesto, não havia nada a fazer. Andava até a ponte e ficava vendo a água passar embaixo. Voltava para casa, e a encontrava roubada.

Em menos de uma semana o homem honesto ficou sem um tostão, sem o que comer, com a casa vazia. Mas até aí tudo bem, porque era culpa sua; o problema era que seu comportamento criava uma grande confusão. Ele deixava que lhe roubassem tudo e, ao mesmo tempo, não roubava ninguém; assim sempre havia alguém que, voltando para casa de madrugada, achava a casa intacta: a casa que o homem honesto devia ter roubado. O fato é que, pouco depois, os que não eram roubados acabaram ficando mais ricos que os outros e passaram a não querer mais roubar. E, além disso, os que vinham para roubar a casa do homem honesto sempre a encontravam vazia; assim iam ficando pobres.

Enquanto isso, os que tinham se tornado ricos pegaram o costume, eles também, de ir de noite até a ponte, para ver a água que passava embaixo. Isso aumentou a confusão, pois muitos outros ficaram ricos e muitos outros ficaram pobres.

Ora, os ricos perceberam que, indo de noite até a ponte, mais tarde ficariam pobres. E pensaram: “Paguemos aos pobres para ir roubar para nós”. Fizeram-se os contratos, estabeleceram-se os salários, as percentagens: naturalmente, continuavam a ser ladrões e procuravam enganar-se uns aos outros. Mas, como acontece, os ricos tornavam-se cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

Havia ricos tão ricos que não precisavam mais roubar e que mandavam roubar para continuarem a ser ricos. Mas, se paravam de roubar, ficavam pobres porque os pobres os roubavam. Então pagaram aos mais pobres dos pobres para defenderem as suas coisas contra os outros pobres, e assim instituíram a polícia e constituíram as prisões.

Dessa forma, já poucos anos depois do episódio do homem honesto, não se falava mais de roubar ou de ser roubado,

mas só de ricos ou de pobres; e, no entanto, todos continuavam a ser pobres.

Honesto só tinha havido aquele sujeito, e morrera logo, de fome.

(ÍTALO CALVINO. In: *Um general na biblioteca*. Companhia das Letras, São Paulo, 2001)

**23.** O fato responsável pela mudança de situação em torno da qual se estabelece o conflito é

- a) a existência de muitos pobres no país.
- b) a falta de oportunidade para as pessoas.
- c) a ganância dos mais ricos.
- d) o surgimento de pessoas mais ricas e outras mais pobres.
- e) o aparecimento no país de um homem honesto.

**24.** O título do texto “*Ovelha Negra*” refere-se ao “homem honesto”, isso caracteriza uma

- a) ironia.
- b) catacrese.
- c) prosopopeia.
- d) eufemismo.
- e) antítese.

**25.** No texto, as referências onde ocorrem os fatos são feitas de modo vago, não se dando nome ao país nem às personagens, daí se justifica o grande emprego de

- a) pronomes indefinidos.
- b) expressões metafóricas.
- c) verbos no pretérito imperfeito.
- d) conjunções adverbiais.
- e) pronomes interrogativos.

**26.** Assinale a alternativa onde a palavra em negrito está empregada como pronome substantivo indefinido

- a) “Havia **um** país onde todos eram ladrões”.
- b) “... pois **um** roubava o outro”.
- c) “... ia roubar a casa de **um** vizinho”.
- d) “... ficou sem **um** tostão”.
- e) “...apareceu **um** homem honesto”.

27. Em: “Dessa forma, já **poucos anos depois do episódio do homem honesto**, não se falava mais em roubar ou ser roubado”. A função sintática do termo destacado é

- a) adjunto adverbial de lugar.
- b) adjunto adverbial de tempo.
- c) adjunto adnominal.
- d) complemento nominal.
- e) aposto explicativo.

28. Em:

“Um roubava o outro, e este, um terceiro, e assim por diante, até que chegava ao último que roubava o primeiro.” Essa sucessão de ideias ou fatos que sempre retornam à ideia ou fato inicial, caracteriza-se como

- a) reciprocidade.
- b) concomitância.
- c) sequencialidade.
- d) círculo vicioso.
- e) simultaneidade.

29. Em:

“Fizeram-se os **contratos**, estabeleceram-se os **salários**.” Os termos em destaque classificam-se, respectivamente, como

- a) objetos diretos.
- b) adjuntos adnominais.
- c) objetos indiretos.
- d) agentes da passiva.
- e) núcleos do sujeito.

30. Em:

“Mas, **se paravam de roubar**, ficavam pobres...” No período, a oração em negrito é subordinada

- a) substantiva subjetiva.
- b) substantiva objetiva direta.
- c) adverbial concessiva.
- d) adverbial condicional.
- e) adverbial conformativa.

31. Em:

“Vinham os ladrões, viam a luz acesa e não subiam.” O período acima é

- a) simples, oração absoluta.
- b) composto por coordenação, contendo duas orações coordenadas assindéticas.
- c) composto por três orações coordenadas sindéticas.
- d) composto por coordenação, contendo três orações.
- e) composto por coordenação e subordinação.

32. Em:

“Ocorre **que no país apareceu um homem honesto**.” A oração em destaque é subordinada

- a) adjetiva restritiva.
- b) adverbial causal.
- c) substantiva subjetiva.
- d) substantiva objetiva direta.
- e) substantiva completiva nominal.

33. Em:

“... depois foi preciso fazê-**lo** compreender que...” A função sintática do termo em destaque em relação ao verbo compreender é

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) complemento nominal.
- d) adjunto adnominal.
- e) agente da passiva.

34. O verbo haver **NÃO É** impessoal em:

- a) “Havia um país onde todos eram ladrões”.
- b) “... e não havia ricos nem pobres”.
- c) “Havia ricos tão ricos que...”.
- d) “... não havia nada a fazer”.
- e) “... sempre havia alguém que...”.

35. Em:  
“... O problema era que seu comportamento criava uma grande confusão.” A classificação sintática da oração em destaque é subordinada

- a) substantiva predicativa.
- b) substantiva objetiva direta.
- c) substantiva subjetiva.
- d) substantiva opositiva.
- e) adjetiva explicativa.

36. Em:  
“ O governo era **uma associação de delinquentes...**” A função sintática da expressão em destaque é

- a) complemento nominal.
- b) adjunto adnominal.
- c) objeto direto.
- d) predicativo do sujeito.
- e) objeto indireto.

37. Em:  
“Ele deixava que lhe roubassem tudo...” Os termos destacados exercem, na oração, a função sintática, respectivamente, de

- a) objeto indireto / objeto direto.
- b) complemento nominal / objeto indireto.
- c) sujeito / objeto direto.
- d) objeto indireto / complemento nominal.
- e) adjunto adnominal / sujeito.

38. Em:  
“O fato é que, pouco depois, os que não eram roubados acabaram ficando mais ricos...” As vírgulas aqui são usadas para separar um adjunto adverbial. As vírgulas **não** foram empregadas adequadamente em:

- a) Como era ponto facultativo, ninguém foi trabalhar.
- b) Todos, na medida do possível, se esforçavam muito.
- c) Os homens, tocavam violão, e as mulheres flauta.

- d) Pularam o muro, arreventaram a porta, roubaram tudo.
- e) Denise, a mais nova do grupo, foi vencedora.

Leia o texto abaixo pra responder às questões de **39** a **43**.

### Lembrança

Lembro-me de que ele só usava camisas brancas. Era um velho limpo e eu gostava dele por isso. Eu conhecia outros velhos e eles não eram limpos. Além disso, eram chatos. Meu avô não era chato. Ele não incomodava ninguém. Nem os de casa ele incomodava. Ele quase não falava. Não pedia as coisas a ninguém. Nem uma travessa de comida na mesa ele gostava de pedir. Seus gestos eram firmes e suaves e quando ele andava não fazia barulho.

Ficava no quartinho dos fundos e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa que às vezes até se esqueciam da existência dele. De tarde costumava sair para dar uma volta. Ia só até a praça da matriz que era perto. Estava com setenta anos e dizia que suas pernas estavam ficando fracas. Levava-me sempre com ele. Conversávamos mas não me lembro sobre o que conversávamos. Não era sobre muita coisa. Não era muita coisa a conversa. Mas isso não tinha importância. O que gostávamos era de estar juntos.

Lembro-me de que uma vez ele apontou para o céu e disse: 'olha'. Eu olhei. Era um bando de pombos e nós ficamos muito tempo olhando. Depois ele voltou-se para mim e sorriu. Mas não disse nada. Outra vez eu corri até o fim da praça e lá de longe olhei para trás. Nessa hora uma faísca riscou o céu. O dia estava escuro e uma ventania agitava as palmeiras. Ele estava sozinho no meio da praça com os braços atrás e a cabeça branca erguida contra o

céu. Então eu pensei que meu avô era maior que a tempestade.

Eu era pequeno, mas sabia que ele tinha vivido e sofrido muita coisa. Sabia que cedo ainda a mulher o abandonara. Sabia que ele tinha visto mais de um filho morrer. Que tinha sido pobre e depois rico e depois pobre de novo. Que durante sua vida uma porção de gente o havia traído e ofendido e logrado. Mas ele nunca falava disso. Nenhuma vez o vi falar disso. Nunca o vi queixar-se de qualquer coisa. Também nunca o vi falar mal de alguém. As pessoas diziam que ele era um velho muito distinto.

Nunca pude esquecer sua morte. Eu o vi, mas na hora não entendi tudo. Eu só vi o sangue. Tinha sangue por toda parte. O lençol estava vermelho. Tinha uma poça no chão. Tinha sangue até na parede. Nunca tinha visto tanto sangue. Nunca pensara que, uma pessoa se cortando, pudesse sair tanto sangue assim. Ele estava na cama e tinha uma faca enterrada no peito. Seu rosto eu não vi. Depois soube que ele tinha cortado os pulsos e aí cortado o pescoço e então enterrado a faca. Não sei como deu tempo dele fazer isso tudo, mas o fato é que ele fez. Tudo isso. Como, eu não sei. Nem por quê.

No dia seguinte eu ainda tornei a ver a sua camisa perto da lavanderia e pensei que mesmo que ela fosse lavada milhares de vezes nunca mais poderia ficar branca. Foi o único dia em que não o vi limpo. Se bem que sangue não fosse sujeira. Não era. Era diferente.

(VILELA, Luiz. *Tarde da noite*. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2000.)

39. Assinale a alternativa que **NÃO** se relaciona com o texto.

- a) A imagem do avô está sempre relacionada à cor branca.
- b) Ser “maior que a tempestade” revela um caráter subjetivo.
- c) O texto é narrativo com passagens descritivas.

d) As descrições são marcadas pela subjetividade.

e) As descrições são marcadas predominantemente pela objetividade.

40. As cores branca e vermelha assumem, no texto, uma simbologia na qual o branco simboliza a limpeza e o vermelho a sujeira, sendo que ao descrever o ambiente sujo de sangue, o autor o faz de forma exagerada, caracterizando uma

- a) metáfora.
- b) hipérbole.
- c) ironia.
- d) metonímia.
- e) catacrese.

41. “ **Lembro-me** de que ele só usava camisas brancas” A regência do verbo **lembrar** no período acima é

- a) intransitivo.
- b) transitivo indireto.
- c) transitivo direto e indireto.
- d) transitivo direto.
- e) de ligação.

42. Em:

“O que **gostávamos** era de estar juntos.” A divisão correta dos elementos formadores da palavra em destaque é

- a) gos – ta – va – mos.
- b) gost – a – va – mos.
- c) gost – a – vamos.
- d) gosta – va – mos.
- e) gos – ta – vamos.

43. Em: “*la só até a praça da matriz **que** era perto.*” A função gramatical da palavra em destaque é

- a) conjunção integrante.
- b) pronome indefinido.
- c) pronome relativo.
- d) conjunção coordenada.
- e) conjunção adverbial.

Leia o texto abaixo pra responder às questões de **44** a **46**.

### Aceita um cafezinho

Ó Estrangeiro, ó peregrino, ó passante de pouca esperança - nada tenho para te dar, também sou pobre e essas terras não são minhas. Mas aceita um cafezinho.

A poeira é muita, e só Deus sabe aonde vão dar esses caminhos. Um cafezinho, eu sei, não resolve o teu destino; nem faz esquecer tua cicatriz.

Mas prova.... Bota a trouxa no chão, abanca-te nesta pedra e vai preparando o teu cigarro...

Um minuto apenas, que a água já está fervendo e as xícaras já tilintam na bandeja. Vai sair bem coado e quentinho.

Não é nada, não é nada, mas tu vais ver: serão mais alguns quilômetros de boa caminhada... E talvez uma pausa em teu gemido!

Um minutinho, estrangeiro, que teu café já vem cheirando...

(Aníbal Machado)

**44.** A função da linguagem predominante no texto é a

- a) referencial.
- b) emotiva.
- c) conativa.
- d) poética.
- e) metalinguística.

**45.** Na palavra **cafezinho** temos os seguintes elementos mórficos

- a) radical, vogal temática e sufixo.
- b) radical, consoante de ligação e sufixo.
- c) radical e sufixo.
- d) radical e vogal temática.
- e) radical e consoante de ligação.

**46.** Nas palavras **poeira**, **muita** e **trouxa**, temos, respectivamente:

- a) ditongo, hiato e ditongo crescente.
- b) hiato, ditongo crescente e ditongo decrescente.
- c) tritongo, ditongo decrescente e hiato.
- d) tritongo, ditongo decrescente e ditongo crescente.
- e) hiato, ditongo decrescente e ditongo decrescente.

Leia o texto abaixo para responder às questões de **47** a **49**.

### A guerra do Fim do Mundo

“O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam como fogo perpétuo. Calçava sandálias de pastor e a túnica azulão que lhe caía sobre o corpo lembrava o hábito desses missionários que, de quando em quando, visitavam os povoados do sertão batizando multidões de crianças e casando os amancebados. Era impossível saber sua idade, sua procedência, sua história, mas algo havia em seu aspecto tranquilo, em seus costumes frugais, em sua imperturbável seriedade que, mesmo antes de dar conselhos, atraía pessoas.”

(VARGAS LLOSA, Mario. *A guerra do fim do mundo*. 8 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1982.)

**47.** A sequência tipológica predominante no texto é

- a) narração.
- b) descrição.
- c) argumentação.
- d) exposição.
- e) injunção.

**48.** Na primeira linha do texto há um período composto por subordinação, em que a oração subordinada é classificada como adverbial

- a) causal.
- b) concessiva.
- c) comparativa.
- d) consecutiva.
- e) condicional.

**49.** O trecho que traz a caracterização cujo sentido é marcado pela subjetividade é:

- a) “sua pele era escura”.
- b) “seus ossos proeminentes”.
- c) “seus costumes frugais”.
- d) “seu aspecto tranquilo”.
- e) “seus olhos ardiam como fogo perpétuo”.

A questão **50** fundamenta-se no texto a seguir.

### **A rosa de Hiroxima**

- 1 Pensem nas crianças
- 2 Mudadas telepáticas
- 3 Pensem nas meninas
- 4 Cegas inexatas
- 5 Pensem nas mulheres
- 6 Rotas alteradas
- 7 Pensem nas feridas
- 8 Como rosas cálidas
- 9 Mas oh não se esqueçam
- 10 Da rosa da rosa
- 11 Da rosa de Hiroxima

(ANTOLOGIA POÉTICA Rio de Janeiro, A Noite, 1954, Vinicius de Moraes)

**50.** A respeito das sequências tipológicas, a que predomina no texto acima é

- a) narrativa.
- b) expositiva.
- c) argumentativa.
- d) preditiva.
- e) injuntiva.